

## Capítulo 1

Para ela, era só um homem que esperava na alameda com um ramo de flores na mão.

Ela conhecia-os. Eram como gatos que se preparavam para saltar sobre o rato. Não lhes via os rostos, só a chama dos cigarros no escuro. Aqueles não queriam autógrafos. Escolhiam o último momento para atacar; não junto à porta, mas um pouco mais longe. Tudo começava com um assobio, com um ramo de flores que pareciam roubadas de um cemitério.

Kate teve a mesma sensação de estranheza que experimentara algum tempo antes, ao entrar no camarim e ver a desconhecida no espelho. Uma mulher bonita, com um fato de viagem azul-escuro e um pequeno chapéu de feltro também azul-escuro, os cabelos castanhos encaracolados. Tirara o chapéu e despira-se com gestos lentos, enfiara o roupão às riscas de diferentes tons de azul e sentara-se no banco em frente do espelho. Acendera um cigarro.

Kate sabia há alguns anos que não era uma grande atriz. Mas havia qualquer coisa nela à espera de transformar-se. Com o vestido certo, com a maquilhagem certa, podia transformar-se em qualquer coisa. Não ficava nada da rapariga de vestidos de algodão e sandálias ou jeans e casacos velhos e botas ainda mais velhas. E quando chegava a casa tomava um duche e prendia o

cabelo na nuca, olhava com assombro o rosto bonito e honesto, os olhos castanhos que podiam ser os olhos de qualquer pessoa porque não tinham nada por detrás. Uma casa vazia, onde ninguém vivera durante muito tempo.

Apagou o cigarro e começou a limpar o rosto, que surgiu um pouco pálido debaixo da maquilhagem. Nessa altura sentiu que estava a ser olhada, era estranho ainda sentir que estava a ser olhada, e viu no espelho o homem que aparecera na porta entreaberta.

Ele tinha os olhos fixos nos seus ombros, no seu peito. Kate não fechou o roupão.

— Deus, és mesmo bonita.

Ela sorriu.

— Não. Tenho um bom rosto e pernas compridas.

Um dos seus professores na Slade School dissera-o há muito tempo. “Tens um bom rosto e as pernas compridas. Aprende a usá-los.” E ela seguira o seu conselho.

— Vamos jantar no West End. Queres vir connosco?

Kate pensou que ele parecia muito mais velho sem a maquilhagem. Mais estranho. Mas todos eles pareciam estranhos sem a maquilhagem. Se fossem para o palco assim, os espectadores teriam medo.

— Não. Quero deitar-me cedo.

Não era verdade. Nos últimos meses quase não dormia. Quando saía do teatro vagueava pela cidade, primeiro pelas ruas bem iluminadas, depois junto ao rio. Descobria lugares que nunca vira antes e que não saberia encontrar de novo. Conhecia algumas das pessoas que dormiam nas ruas, e os seus cães, por vezes de madrugada só se via um monte de roupas num canto, mas de entre as roupas emergia o focinho de um cão, bem desperto, olhando a luz matinal e os poucos passantes. Habituara-se ao som dos seus passos nas ruas quase desertas. E quando acordava no seu quarto ao fim da manhã, não sabia como lá tinha chegado.

— Tens alguém à tua espera?

— Talvez.

— Até segunda-feira, Kate.

Desta vez, ela sorriu-lhe quase com afecto. Afinal, estavam no mesmo barco. Todas as noites havia menos espectadores, e a peça não ficaria em cena durante muito tempo. E então ficariam sem trabalho. Ele voltaria aos pequenos papéis em séries de televisão, e ela... As audições, as malditas audições: entrar numa sala e deter-se à frente de estranhos, ler linhas que não conhecia, à espera de ser interrompida por um agradecimento frio. O aperto no estômago, a boca seca, o acelerar do pulso.

— Até segunda-feira, John.

E um arrepio ao lembrar-se de que o dia seguinte era domingo. Os domingos eram dias perigosos.

Meteu os dedos nos caracóis, desmanchando-os. Depois pegou na escova e passou-a longamente nos cabelos, que recuperaram o aspecto liso. Puxou-os para trás das orelhas num gesto maquinal.

O vestido castanho. O pequeno colar de prata, com o nó celta, um pouco tosco. Era bom voltar a senti-lo no pescoço. Mas era um princípio, não usar nada de seu na peça. Colocou os pequenos brincos de prata, com a forma de quadrados. Vestiu a gabardina castanha, já velha, e calçou os sapatos, confortáveis mas elegantes.

O vestido ainda cheirava levemente ao seu perfume. DKNY. O perfume estava quase a chegar ao fim. E a bolsa castanha também já estava velha de mais. Mas tinha o encanto de uma peça de boa qualidade ao envelhecer.

Kate saiu do camarim e desceu as escadas mal iluminadas. Deu boa-noite a um empregado da limpeza e parou por instantes junto a uma porta que abria para o palco. Naquele momento havia mais claridade cá fora do que no interior da sala. Gostava dos teatros vazios. Do cheiro dos teatros vazios. Do veludo, se é que era veludo, das cadeiras e das paredes. Para ela, tinha a ver com religião.

Aprendera na Slade que, no princípio, o teatro era uma experiência religiosa. O seu fim era criar uma epifania. Quando as pessoas saíam da sala não eram as mesmas que tinham entrado. Claro que isso só acontecia às vezes. Ela vira coisas no teatro que a tinham transformado. E também fizera coisas no teatro que a tinham transformado.

Não tinham sido só peças más e musicais sem qualidade. Ou peças boas nas quais só dizia uma ou duas linhas. Ou bons musicais nos quais era parte do coro. Ela que não sabia cantar. Embora nos momentos mais amargos só conseguisse recordar essas experiências. E os homens que esperavam nos becos das traseiras dos teatros, como gatos que se preparavam para saltar sobre o rato.

Ela tinha sido a preceptora numa versão de *The Turn of the Screw*. Ainda se lembrava do leve eco da sua voz nos quartos da velha casa. E do nevoeiro no jardim, entre as plantas, nos degraus, na proximidade do lago de águas escuras e pesadas. Fora para a cama com o actor que representava todos os papéis masculinos da peça. Não pudera resistir a um homem que era ao mesmo tempo Peter Quint e Miles e o tio de Miles. E a actriz que representava Miss Jessel era como o seu reflexo negro nos espelhos, nas vidraças, no nevoeiro.

E tinha sido Stella numa representação de *A Streetcar Named Desire*. Descera as escadas ao som daquela música que tinha algo de jazz, e que a perturbava no mais fundo de si mesma. Havia uma ligação quase inconsciente entre os seus movimentos e a música. Ao chegar ao pátio puxara para o ventre o rosto do homem de joelhos, e dobrara-se para envolvê-lo com o seu corpo. E depois ele pegara-lhe ao colo e levava-a para o quarto; não para os bastidores. Como Laurence Olivier, não se lembrava em que peça, que saía do palco para o jardim, enquanto os que actuavam com ele se limitavam a sair para os bastidores.

Pensou que as suas experiências eróticas mais intensas tinham a ver com o teatro.

E ninguém me pode tirar isso. Peter Quint a seguir-me os movimentos do outro lado da vidraça, Stanley a gritar por mim no pátio da casa.

Os dois homens sentados na sala de um velho castelo, a jarra de rosas sobre a mesa, a neve lá fora. E ela com o seu vestido de noite preto, e depois com o fato de viagem azul-escuro e o pequeno chapéu de feltro azul. A peça era enigmática, e as pessoas saíam confusas... Os espectadores não têm de perceber aquilo de que estás a falar, mas têm de acreditar que sabes do que estás a falar. Não estaria a ser convincente?

Mas não, como no caso da preceptora sem nome e de Stella Kowalski, perdera-se na personagem. Mesmo que o seu trabalho nos últimos dez anos não valesse nada, estas três personagens justificavam-na.

Dirigiu-se para a porta das traseiras. Abriu-a e o ar frio, quase gelado, da noite de Janeiro soube-lhe bem. Fechou a gola da gabardina e saiu para a alameda.

E então viu o homem.

Nas primeiras noites havia alguns espectadores à espera de autógrafos. Mas à medida que as semanas passavam e a audiência diminuía, tinham desaparecido. E aquele homem sozinho com um ramo de flores na mão fê-la pensar nos outros, nos habituais.

Para ela, era só um homem que esperava na alameda com um ramo de flores na mão. Mas quando se aproximou viu que as flores tinham bom aspecto e ele também.